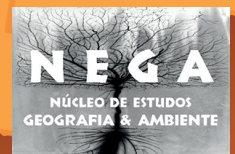


VOLUME 1
Cartografias
contracoloniais



ATLAS DA PRESENÇA QUILOMBOLA EM PORTO ALEGRE/RS

Cláudia Luísa Zeferino Pires
Lara Machado Bitencourt
organizadoras



Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Carlos André Bulhões Mendes, *Reitor*

Patricia Pranke, *Vice-reitora*

Júlio Otávio Jardim Barcellos

Pró-Reitor de Pós-Graduação e

de Coordenação Acadêmica (PROPG)

José Antonio Poli de Figueiredo,

Pró-Reitor de Pesquisa (PROPESQ)

Adelina Mezzari,

Pró-Reitora de Extensão (PROEXT)

José Antônio dos Santos,

Diretor do Departamento de Educação

e Desenvolvimento Social (DEDS)

Alan Alves Brito,

Coordenador do Núcleo de Estudos

Afro-Brasileiros, Indígenas e Africanos (NEABI)

Luis Carlos Espindula,

Diretor da Gráfica da UFRGS

Instituto de Geociências

Nelson Luiz Sambaqui Grüber, *Diretor*

Paulo Roberto Rodrigues Soares,

Coordenador do Programa de Pós-Graduação

em Geografia (POSGEA)

Marcelo Argenta Câmara,

Chefe do Departamento de Geografia

Cláudia Luísa Zeferino Pires,

Coordenadora do Núcleo de Estudos de

Geografia & Ambiente (NEGA)

Fomento

CAPES/POSGEA

CNPq

PROEXT/UFRGS

NEABI/UFRGS

Parcerias

Frente Quilombola RS

Instituto de Assessoria às Comunidades

Remanescentes de Quilombos

Akkani - Instituto de Pesquisa e Assessoria em

Direitos Humanos, Gênero, Raça e Etnias

 atlasquilombosportoalegre@gmail.br | www.ufrgs.br/nega



POSGEA



**ATLAS DA
PRESENÇA QUILOMBOLA
EM PORTO ALEGRE/RS**

Volume 1

**Cartografias
contracoloniais**

**Cláudia Luísa Zeferino Pires
Lara Machado Bitencourt
organizadoras**

UMA PORTO ALEGRE QUILOMBOLA: seus mapas e suas narrativas

Cláudia Luisa Zeferino
Pires

Diego Mittmann Kaiser
Barboza

Gabriel Muniz de Souza
Queiroz

Giulia Assunção
Sichelero

Hiago Godoi
Barth

Laisa Zatti Ramirez
Duque

Lara Machado
Bitencourt

Laura Isabel dos Santos
Flores

Mariana Nicolini
Acosta

Marília Guimarães
Rathmann

Matheus Eilers
Penha

William de Oliveira Silva
da **Silva**

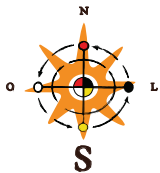
Winnie Ludmila Mathias
Dobal



VERSÃO DIGITAL

COMO CITAR:

PIRES, Cláudia Luisa Zeferino *et al.* Uma Porto Alegre quilombola: seus mapas e suas narrativas. In: Pires, Cláudia Luisa Zeferino; Bitencourt, Lara Machado (org.). *Atlas da presença quilombola em Porto Alegre/RS*. Porto Alegre: Letra1, 2021, p. 77-97



INTRODUÇÃO

Este capítulo propõe algumas reflexões metodológicas, para a leitura geográfica da cidade, pela perspectiva dos quilombos urbanos. Os quilombos urbanos de Porto Alegre se apresentam, ao nosso olhar, com formas e com subjetividades diferenciadas, possuindo espaços, com predominâncias, ora de elementos naturais, ora, sociais, ora, culturais, materializando seus vínculos com a terra e com o território, pela apropriação espacial. O desafio, que se coloca, é: como ler as marcas territoriais de diferentes tempos e de diferentes espaços, a partir da percepção das territorialidades, indicadoras de uma matriz de afirmação e de pertencimento quilombola, em relação à cidade? Nesta temática complexa, muitas questões são levantadas: 1) É possível compreender o espaço da cidade pela territorialização quilombola? 2) Que contribuições os quilombos nos ensinam, para a compreensão de suas dinâmicas espaciais? 3) Que marcadores territoriais identificam cada comunidade quilombola de Porto Alegre? Destacadamente, o diálogo foi realizado com as comunidades quilombolas, o que possibilitou a profunda compreensão da leitura espacial dos marcadores territoriais e sua representação em cartografias, em registros fotográficos e em ilustrações. Esse diálogo também foi construído com os movimentos sociais quilombolas, com importantes atuações na cidade de Porto Alegre e no estado do Rio Grande do Sul, como a Frente Quilombola do RS e o Instituto de Assessoria às Comunidades Remanescentes Quilombolas do Rio Grande do Sul (IACOREQ/RS)

Atualmente Porto Alegre possui nove quilombos urbanos, conforme listado na página seguinte e ordenado pela data de certificação da Fundação Cultural Palmares (FCP). Destacamos, também, as simbologias criadas para cada uma das comunidades nas cartografias elaboradas nesta obra. No mapa Quilombos Urbanos de Porto Alegre (Figura 1), representamos a localização dos nove quilombos da cidade.

MANEIRAS DE FAZER: ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS, PRESENTE NAS CARTOGRAFIAS

Para construir a cartografia contracolonial, foi realizado o mapeamento coparticipativo, ou seja, o produto cartográfico foi compreendido e elaborado, de forma participativa e colaborativa, entre as lideranças das comunidades quilombolas, os pesquisadores/extensionistas do NEGA e os movimentos sociais. O mapa representa os marcadores territoriais e de que forma estes grupos humanos estão inseridos no território, considerando suas práticas culturais e sociais cotidianas. Este mapeamento dialoga profundamente com os valores afrocivilizatórios, contribuindo com a leitura de outros segmentos



Quilombos Urbanos de Porto Alegre e a data de certificação da Fundação Cultural Palmares



Quilombo da Família Silva
10/12/2004



Quilombo do Areal
10/12/2004



Quilombo dos Alpes
08/06/2005



Quilombo dos Fidélis
02/03/2007



Quilombo dos Machado
21/05/2014



Quilombo da Família Flores
16/08/2017



Quilombo da Família Lemos
12/11/2018



Quilombo da Família de Ouro
Aguardando certificação



Quilombo da MOCAMBO
Aguardando certificação



Quilombo da Família Silva



Quilombo dos Alpes



Quilombo do Areal



Quilombo dos Machado



Quilombo da Família de Ouro



Quilombo da Família Lemos



Quilombo da Mocambo



Quilombo da Família Flores



Quilombo dos Fidélis





Quilombos Urbanos em Porto Alegre

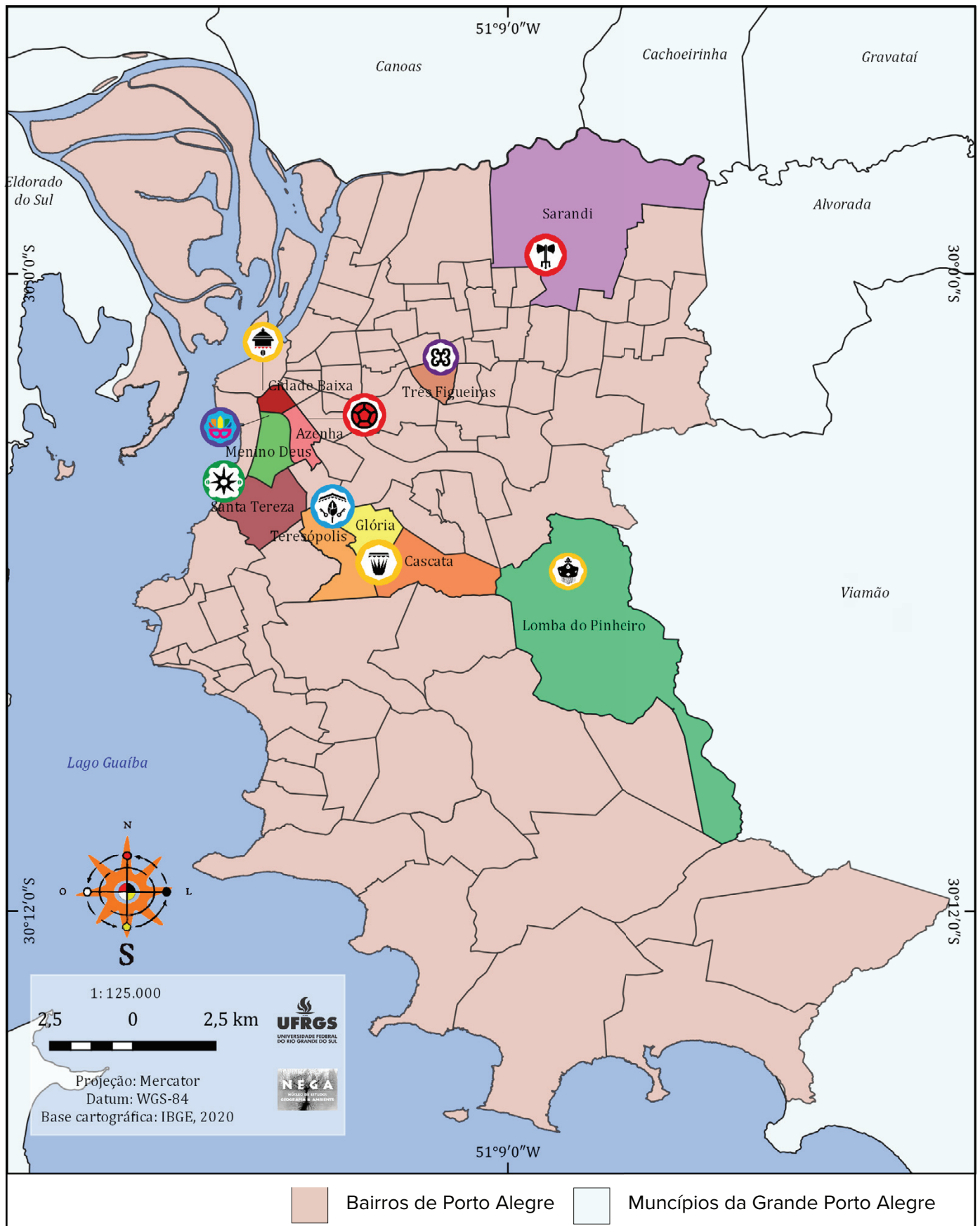


Figura 1 – Quilombos Urbanos de Porto Alegre (RS)

Fonte: NEGA (2020)

Nota: Em 2021, dois quilombos autorreconhecem-se: Quilombo Kédi, no bairro Boa Vista e Quilombo Santa Luzia, no bairro Cascata.



institucionais, como o INCRA e o Ministério Público Federal, pois o mapa traz a afirmação territorial na cidade, assim como fortalece a possibilidade de múltiplas atividades educacionais, relacionadas às leis nº 10.639/2003 e nº 11.645/2008. Os procedimentos metodológicos do processo investigativo ocorrem, em síntese, a partir das seguintes etapas.

Etapa 1 – Pré-campo

- 1.** Preparação e revisão bibliográfica prévia sobre a comunidade: leitura de relatórios; seleção de imagens de satélite; levantamento de dados preliminares; e organização dos materiais, que serão utilizados em campo;
- 2.** Contato e reuniões com lideranças comunitárias, para a organização do trabalho de campo e para o levantamento de demandas;
- 3.** Contato e reuniões com lideranças de movimentos sociais, para o levantamento de informações prévias, como situações de conflitos e disputas territoriais;
- 4.** Construção de roteiro de perguntas, que vão orientar a construção da cartografia.

Etapa 2 – Trabalho de campo

- 5.** Na comunidade, apresentação do grupo de trabalho da UFRGS, de todos os presentes e da proposta de atividade. Apresentam-se os objetivos da realização do mapeamento e sua finalidade, destacando como as comunidades quilombolas podem afirmar seu território, para garantir suas permanências e suas prioridades de atendimento, quanto à infraestrutura e a conflitos;
- 6.** Divisão dos participantes em grupos de trabalho, de maneira que sejam atribuídas as seguintes tarefas para cada grupo: entrevistadores, relatores, mapeadores, registradores fotográficos, levantamento de coordenadas dos marcadores, com uso de Sistema de Posicionamento Global (GPS);
- 7.** Apresentação da imagem de satélite, impressa em tamanho A0, com sobreposição de papel vegetal. Nessa etapa, em que a imagem é apresentada, situamos nela a localização da realização da oficina, das principais vias de acesso da comunidade e dos locais de moradias dos participantes, para apropriação dos elementos da imagem. Em diversos momentos, essa etapa acontece, percorrendo o território com



os participantes, que vão identificando seus marcadores territoriais no campo e indicando na imagem;

Etapa 3 – Pós-campo

1. Atividade de laboratório, com a transposição das informações mapeadas para o Sistema de Informação Geográfica (SIG), com utilização dos *softwares* QGIS e ArcGIS e com preparação dos mapas;
2. Retorno às comunidades com os mapas, para atualizar informações e para a discussão sobre os marcadores territoriais referenciados, com a proposição de legendas;
3. As legendas correspondem aos conteúdos, que mais se assemelham aos marcadores indicados pela comunidade. São construídas ilustrações específicas para cada comunidade quilombola, que, nesta obra, também são diferenciadas por cores em cada capítulo;
4. Apresentação e entrega dos relatórios geográficos, por parte dos discentes do grupo participante do semestre da disciplina de *Organização e Gestão Territorial*, que acolheram a realização do mapeamento. Quando há a participação do grupo de trabalho do NEGA, tal tarefa é realizada por seus componentes. Em ambas as situações, o retorno é programado, para atender às especificidades de cada comunidade, juntamente às instâncias jurídicas e técnicas do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA/RS);
5. Continuidade das atividades de mapeamento pelo Núcleo de Estudos Geografia & Ambiente (NEGA), a partir das demandas, com assessoria técnica, junto ao INCRA e ao Ministério Público Federal, quando necessário, e entrega de dossiê, com parecer técnico, juntamente com os mapas elaborados.
6. Desdobramentos das ações de mapeamento, com atividades, relacionadas à educação geográfica, e/ou com atividades técnicas de demandas específicas.

OS MAPAS-NARRATIVAS E OS QUILOMBOS URBANOS DE PORTO ALEGRE

Os mapas-narrativas não são meros desenhos, cheios de figurinhas, de traços, de manchas e de hachuras. Nós, geógrafos e geógrafas, temos um compromisso político com esta linguagem e com a comunicação, que se deseja transmitir. A tarefa de mapear é árdua, requer paciência, atenção e precisão – e não se refere,

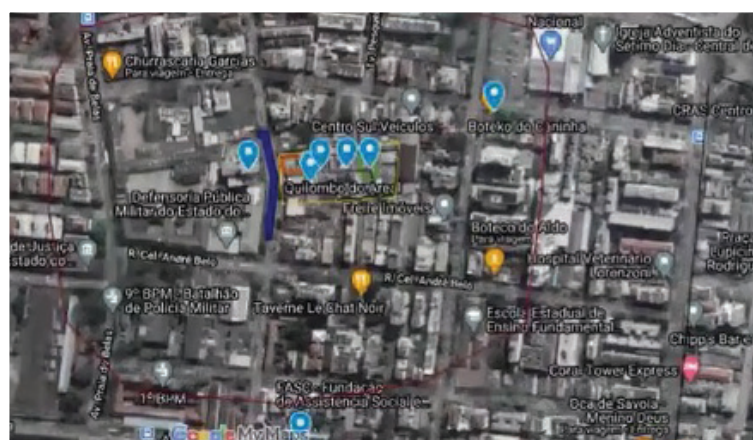
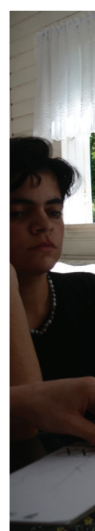
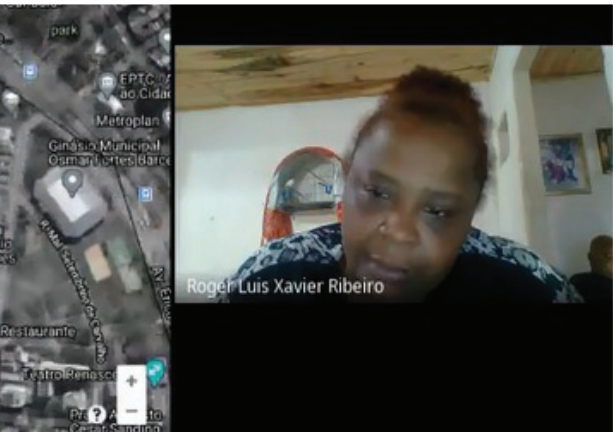
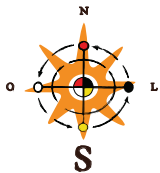


Figura 2 – Trabalhos de campo junto aos territórios quilombolas.

Fonte: acervo NEGA (2013-2020)





aqui, somente à precisão posicional, em termos de coordenadas geográficas, mas à precisão simbólica. Os símbolos presentes nos mapas representam e possibilitam outras visões de mundo, considerando a maneira que foram pensados e, também, são interpretados. É nesta perspectiva que os mapas dos quilombos de Porto Alegre, presentes neste Atlas, foram pensados e cartografados.

Os mapas não representam o tempo aprisionado no espaço, mas, sim, seu movimento. Como sugere Massey (2008), eles traduzem realidades vividas, trajetórias experienciadas pela corporeidade e pelo movimento desta corporeidade no/pelo espaço, além de suas estórias. Sua representação nos leva ao encontro dos sentidos, provocados pelas memórias e pelas ancestralidades, permanecendo vivas na oralidade. O espaço é representado, enquanto processo, sendo, o mapa, a linguagem da multiplicidade de tempos, que representam o mundo vivido. Os mapas-narrativas trazem, na sua representação, a pluralidade das vozes, que os narram e, por isso, seus múltiplos tempos estão marcados, possibilitando a leitura do espaço para além de sua representação exclusivamente físico-administrativa.

Foram gerados de três a cinco mapas dos territórios, das territorialidades e do entorno de cada quilombo. São eles:

- a. **Os mapas de marcadores territoriais**, com foco nos seus territórios e nos objetos/ações, que pertencem às comunidades. Os marcadores territoriais estão associados à relação profunda dos valores afrocivilizatórios brasileiros;
- b. **Os mapas de movimentos históricos e cotidianos** abrangem a escala do entorno dos quilombos e que representam as ligações históricas e cotidianas da comunidade com equipamentos públicos, com espaços de cultos religiosos e com espaços da ancestralidade quilombola. Compreende marcadores territoriais e territórios, além de seus limites, que demonstram as relações com a territorialidade quilombola;
- c. **Os mapas de perícias** representam marcadores antigos, que estão ou não no território, a partir das imagens aerofotogramétricas disponíveis e das datas, próximas às do processo de origem de formação do território. Considera-se, como referência temporal das fotografias aéreas, algum fenômeno/situação/moradia importante para a comunidade, que se faz perceptível no espaço. Esses mapas são a ligação/articulação do passado com o presente da territorialidade.
- d. **Os mapas de situação/localização dos territórios** localizam os territórios, junto aos bairros de Porto Alegre;



- e. **Os mapas de diásporas** representam o movimento de origem de família, principalmente, das lideranças, nossas principais interlocutoras. Cabe ressaltar a importância desse mapa, porque não trata de se deslocar fisicamente pelo espaço, exclusivamente, mas de um movimento apropriado, carregado de sentidos, de experiências e de saberes, que caminham/se deslocam/migram com as pessoas, mantendo viva as memórias e as ancestralidades do território de origem.

Além dos mapas, uma importante representação, que se destaca, é a da árvore genealógica da família, que nos concedeu a base de dados, para a escrita dos capítulos de cada comunidade quilombola, presente nesta obra. A expressão gráfica dessas informações está associada às presenças territoriais e à valorização da memória e da ancestralidade, presentes no território, e, também, das produzidas em diáspora e nas lutas cotidianas de afirmação territorial no espaço urbano.

Os mapeamentos se dividiram em duas grandes etapas: trabalho de campo e trabalho de laboratório. No primeiro, foram realizados trabalhos de campo nos quilombos, para a condução de entrevistas semiestruturadas e para a coleta de fotografias, para gravações de áudio, para coleta de pontos dos marcadores territoriais por *Global Positioning System* (Sistema de Posicionamento Global – GPS) e para a aquisição de documentos e de registros gerais, guardados pela comunidade, os quais auxiliam na pesquisa e no mapeamento. No trabalho de laboratório, foi feito o planejamento dos trabalhos de campo, a organização dos materiais coletados, as pesquisas documental e bibliográfica, a instrumentalização do mapeamento no QGIS 3.X e as reuniões presenciais e por videoconferência entre o grupo de trabalho do NEGA.

O processo de mapeamento dos quilombos de Porto Alegre foi construído, para que os territórios e as territorialidades das comunidades pudessem ser representados, de forma a narrar os espaços vividos, defendidos e disputados por essas comunidades. Para isso, utilizou-se da metodologia do mapeamento coparticipativo, através de trabalhos de campo nos quilombos, nos quais a equipe do NEGA conduziu entrevista semiestruturada com as lideranças comunitárias dos quilombos, buscando conhecer as geo-grafias marcadas pelos quilombolas no espaço geográfico, ao longo do tempo.

A instrumentalização da cartografia se deu, por meio do uso de Sistemas de Informações Geográficas (SIG), *softwares* largamente utilizados em mapeamentos. O SIG utilizado foi o QGIS nas versões 3.X, *software* de código aberto e de uso livre, disponível na *Internet*. A opção se deu pela relativa facilidade de manuseio do *software*, por estudantes e por graduados em Geografia, e pela



pouca exigência de desempenho dos computadores. A necessidade de usar o SIG estava em processar imagens satelitais e aerofotogramétricas, em manipular dados vetoriais (pontos, linhas e polígonos) e em editar o *layout*/esboço de impressão dos mapas. Outros instrumentos utilizados foram o *site Google Maps* e o *software Google Earth Pro*, também de acesso livre. Estes são instrumentos de mapeamento de fácil utilização e de fácil integração com bancos de dados externos. Além disso, o *Google Maps* permite o uso simultâneo do mesmo mapa por diversos usuários, através da *Internet*.

Os principais materiais utilizados nos mapeamentos foram imagens de satélite e aerofotogramétricas de alta resolução e dados vetoriais (pontos, linhas e polígonos) dos marcadores territoriais dos quilombos. O uso de imagens como base dos mapas se deu pela experiência de Pires *et al.* (2016), junto ao Quilombo dos Alpes, com o mapeamento coparticipativo das trilhas deste quilombo, ao longo de alguns anos. Os primeiros mapas foram feitos, sob base vetorial, apenas, com algumas linhas e com polígonos sem vida. A própria liderança do Quilombo dos Alpes, no decorrer das oficinas de mapeamento, alertou para o fato de que os mapas produzidos não estavam representando o quilombo, pois ela não conseguia ver as árvores, as casas, o morro, as trilhas. Desde então, a equipe do NEGA utiliza imagens somente como base dos mapas.

A representação iconográfica dos mapas foi feita, a partir de ícones personalizados, para comunicar a territorialidade quilombola, por meio de símbolos, que, *geo-grafados* nos mapas, representam elementos das culturas afrobrasileira e quilombola.

A opção pela padronização dos mapas na projeção de Mercator, tradicional projeção cartográfica, utilizada no período colonial, ocorreu por mera compatibilidade com os aplicativos de mapas de *smartphones*, como o do *Google Maps*. Como recurso didático, o Atlas não conseguiria comunicar ao público em geral a localização de elementos não mapeados, como suas casas e suas escolas, para fins didáticos e de sala de aula, se fosse utilizada outra forma de projeção e, também, outro elipsoide de referência, diferente do *datum World Geodetic System* (1984) (WGS-84). É mera e simples compatibilidade de uso a opção por esta projeção, que, por outra via, pode auxiliar no enfrentamento da cartografia oficial por seus mesmos métodos. A Figura 3 sintetiza, na forma de fluxograma, o passo a passo.

OS QUILOMBOS EM OUTRAS ESCALAS: BRASIL, RIO GRANDE DO SUL E PORTO ALEGRE

Outros mapas também são importantes e se tornam especiais, pelas formas de representação e de comunicação. Não se trata dos territórios quilombolas

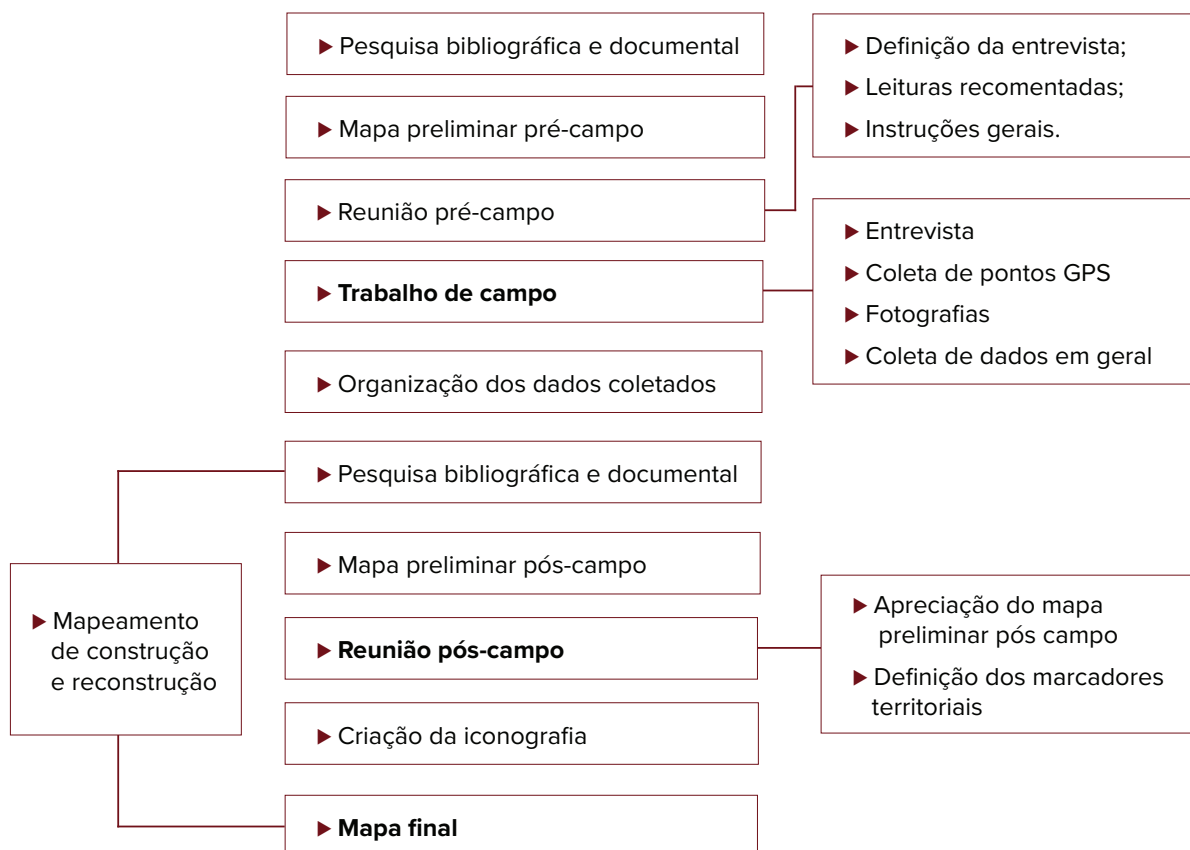


Figura 3 – Diagrama da metodologia do mapeamento coparticipativo utilizado nos mapas de marcadores territoriais, de deslocamentos históricos, de cotidianos e de perícia dos quilombos.
Fonte: elaborado pelos(as) autores(as).

de Porto Alegre em si, mas de elementos, que estão fora dos territórios e que demonstram a totalidade da formação socioespacial brasileira e, porque não?, quilombola. São eles, os mapas: “Etapas de titulação das terras quilombolas por estado no Brasil”, “Quilombos no Rio Grande do Sul”, “Quilombos urbanos em Porto Alegre”, “Escolas públicas, próximas aos quilombos de Porto Alegre” e “Estrutura pública de saúde, frente à pandemia de Covid-19, para os quilombos de Porto Alegre”. Os mapas das escolas e da estrutura de saúde pretendem representar a disponibilidade socioespacial desses dois direitos básicos, com relação à proximidade dos territórios.

Os mapas do Brasil e do Rio Grande do Sul foram feitos, a partir dos dados da Fundação Cultural Palmares (FCP) e da Comissão Pró-Índio de São Paulo. A FCP fornece dados em planilha sobre a quantidade e sobre quais são os quilombos autorreconhecidos no Brasil. As planilhas da FCP trazem, via de regra, cada quilombo e a etapa, em que se encontra, no processo de titulação. A Comissão Pró-Índio utiliza os dados da FCP, associados a dados do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), obtidos junto às superintendências



regionais do órgão. É importante salientar que os dados da FCP, apesar de oficiais, apresentaram inconsistências, ao serem comparados com os de outras instituições.

Acompanhamos, nos últimos anos, que dados importantes do Ministério do Meio Ambiente, de acesso público garantido por lei, foram excluídos, durante a transposição de conteúdos a um novo *site*, em novembro de 2020¹. Desde o início da pandemia de COVID-19, o governo federal dificultou o acesso público a dados confiáveis e atualizados em tempo real sobre a situação da pandemia no Brasil², o que levou a que grandes redes de comunicação, como a Rede Globo, que sempre utilizaram os dados oficiais federais em suas notícias, optassem por compor um consórcio entre empresas de comunicação brasileiras, promovendo consultas diretas aos dados oficiais das secretarias de saúde estaduais e municipais, excluindo o governo federal, por receio da confiabilidade dos dados. O mapa de Porto Alegre foi feito com os dados de localização dos quilombos da FCP e com os dados, obtidos diretamente nos territórios quilombolas, para melhor situá-los no município de Porto Alegre. Nos mapas das escolas, foram utilizados dados do Governo do Estado do Rio Grande do Sul e da Prefeitura Municipal de Porto Alegre. O mapa das escolas abrange as instituições públicas de ensino, localizadas próximas aos quilombos, no raio convencional de quatro quilômetros, a partir de cada quilombo.

ILUSTRAÇÕES E ICONOGRAFIAS: OUTROS OLHARES, OUTRAS MANEIRAS DE VER³

Para as representações iconográficas, partimos de referências variadas. A primeira delas nos chega, como um desdobramento de trabalhos anteriores ao do próprio Atlas, realizados pelo NEGA, junto à Comunidade Quilombola dos Alpes. Como um dos resultados do mapeamento deste quilombo urbano, realizado em 2013, e de seus desdobramentos, foi elaborada uma série de ilustrações, baseadas nos marcadores territoriais, apontados nos trabalhos de campo. Desta forma, e como aprofundamento do envolvimento com outros quilombos, no presente trabalho, os estilos gráfico e conceitual foram mantidos nas representações dos marcadores das demais comunidades.

1 MINISTÉRIO do Meio Ambiente exclui de site informações sobre áreas protegidas. Disponível em: <https://www.istoedinheiro.com.br/ministerio-do-meio-ambiente-exclui-de-site-informacoes-sobre-areas-protetidas/>. Acesso em: 9 abr. 2021.

2 GOVERNO adota estratégia da desinformação com dados da covid-19. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/brasil/2020/06/07/interna-brasil,861731/governo-adota-estrategia-da-desinformacao-com-dados-da-covid-19.shtml>. Acesso em: 9 abr. 2021.

3 As ilustrações e iconografias das legendas dos mapas foram construídas pelo designer Gabriel Muniz.



Outros ícones tiveram tratamentos levemente diferenciados, no tocante ao estilo gráfico, por se tratarem de marcadores territoriais do entorno dos quilombos e, em sua maioria, relacionados a aspectos culturais, tais como: espaços de lazer e de sociabilidade, escolas de samba, rodas de capoeira, campos de futebol e espaços de forte simbolismo na afirmação da presença negra, na cidade, como o monumento da Pegada Africana, o Largo Zumbi dos Palmares e o Mercado Público de Porto Alegre.

As cores foram elementos gráficos, que comunicaram as distinções das iconografias de cada quilombo, trazendo uma unidade visual, que relaciona as iconografias dos marcadores territoriais às demais peças, criadas para determinada comunidade, tais como as ilustrações da comunidade quilombola e dos seus símbolos, presentes na abertura de cada capítulo. Esta definição de cores teve, como base, as relações das comunidades com alguns orixás – divindades das culturas iorubás –, presentes na maioria das tradições espirituais da diáspora africana, no estado do Rio Grande do Sul.

Para a representação dos símbolos de cada quilombo, também tivemos referenciais e modos de construção diversos. As ilustrações adaptaram simbologias das escritas *Adinkra* ao contexto de alguns quilombos (Quilombo da Família Lemos e Quilombo da Família Silva) e construções anteriores a este Atlas, frutos de relações de parcerias ativistas com as demais comunidades (Quilombo da Família Machado, Quilombo da Família Flores, Quilombo dos Alpes, Quilombo da Família Fidélix, Quilombo do Areal, Quilombo da Família Ouro e Comunidade Mocambo).

As ilustrações de abertura dos capítulos de cada quilombo e das partes 1 (Cartografia Contracolônia) e 2 (Epistemologias Quilombolas) desta obra tiveram origens em estudos autônomos sobre artes gráficas africanas e afrobrasileiras e em narrativas sobre a diáspora africana no Brasil, em especial, sobre as comunidades quilombolas de Porto Alegre, considerando os temas propostos nas diferentes partes da obra. Estas trazem, principalmente, as vivências do autor das ilustrações, enquanto homem negro em diáspora, junto a alguns quilombos desta capital, nos quais desenvolve trabalhos de ativismo, a partir de audiovisual, de *design* e de educação popular. Sendo assim, algumas das pessoas retratadas nas ilustrações são marcantes, como representações quilombolas, a partir das experiências de identificação proporcionadas pelos encontros/cruzamentos.

No desenvolvimento criativo das representações gráficas do Atlas, podemos citar algumas das referências gráficas e conceituais africanas, que mais estiveram presentes nas legendas: o sistema de escrita *Adinkra* (do povo Akan, localizado, atualmente, na região de Gana e de Costa do Marfim) inspirou, com seus



símbolos/conceitos, as iconografias de alguns dos quilombos de Porto Alegre, presentes nos mapas (Figuras 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11 e 12).

Também representada por um símbolo adinkra, o mito de Ananse Ntontan (Figura 13) chega como uma construção coletiva e elaborada pelas narrativas, a partir de referenciais afrocêntricos, não hegemônicos, presentes no Atlas Quilombola. Como uma espécie de teia de aranha, o símbolo Ananse Ntontan representa a criatividade e a sabedoria. Ananse, também chamada Anansi, é uma aranha muito conhecida na mitologia Ashanti, que se espalhou pela África Ocidental e que cruzou os mares na diáspora. Em muitas histórias, essa personagem é um mensageiro divino, que tece uma rede de comunicação com o Ser Supremo, simbolizando sabedoria.

A Sistema de Orientação e Localização dos mapas (Figura 14) é uma composição, que associa referenciais adinkra ao Cosmograma Bakongo (de um dos povos bantu, situado na atual região de Gabão, de Congo e de Angola). Utilizamos integralmente a forma adinkra *Nsoromma*, símbolo que representa uma estrela e que tem o significado de “filhos do céu”, na composição da Rosa dos Ventos, tal como uma estrela guia. Com o *Cosmograma Bakongo* foi feita uma adaptação de sua forma, mantendo as cores na parte central, para comunicar uma semelhança com os pontos cardeais, enfatizando o Sul pela letra “S”, tanto para ressaltar a perspectiva ancestral bantu quanto para demonstrar a perspectiva política de percepção de mundo, a partir do sul global. O *Cosmograma Bakongo*, conforme Magalhães (2018), corresponde a uma mandala, conhecida como *Diekenga*. Sua representação comunica sobre os ciclos do sol, da vida, do universo e do tempo. Partindo do centro do círculo, uma cruz o divide em quatro etapas. A linha horizontal se chama *Kalunga* e, ao mesmo tempo que divide, conecta o mundo espiritual com o mundo físico. O sentido anti-horário (do oriente para o ocidente) também faz parte da leitura do cosmograma, em que o amarelo representa a concepção *Musoni*, do tempo de germinar, do crescimento, que antecede ao nascimento. Após o nascimento, acontece *Kala*, o tempo de crescimento e de aprendizado, representado pela cor preta. O vermelho, *Tukula*, representa o ápice da liderança, da força, quando a linha vertical faz a conexão direta com o mundo dos ancestrais. Após o Sol, ao meio-dia, inicia-se o processo de decadência, que inevitavelmente levará à morte física, *Luvemba*, representado pelo branco dos ossos, do pó, do tempo de silêncio, que antecede a outro grande ciclo vital (MAGALHÃES, 2018).

Por fim, no conjunto das ilustrações, é apresentada, também, a espiral das resistências de cada quilombo⁴, em que são destacados os principais movimentos da comunidade, para o enfrentamento do processo colonizador

4 A metodologia e a inspiração da espiral da resistência quilombola está apresentada no capítulo *Espacialidades geo-quilombistas: percursos do nosso fazer*.



Adinkra Pempamsie

Tecendo prontamente – Símbolo de prontidão e de alerta, bem como de boa vontade, de perseverança, de força, de firmeza, de solidez, de coragem e de destemor

Figura 4 – Ícone, que simboliza a importância de se manter na luta pelo território, mesmo que este quilombo já seja titulado. É o símbolo do Quilombo da Família Silva
Ilustração de Gabriel Muniz (2020)



Adinkra Sankofa

Galinha d’angola

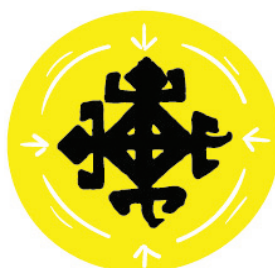
Figura 5 – Ícone, que representa o galinheiro do Quilombo da Família Silva
Ilustração de Gabriel Muniz (2020)



Adinkra Rahene

Símbolo considerado “o chefe dos adinkras” e representa a presença divina

Figura 6 – Ícone, que representa o marco implantado pelo INCRA. No mapa dos marcadores territoriais do Quilombo da Família Silva, está relacionado como marco para os quilombos urbanos atuais
Ilustração de Gabriel Muniz (2020)



Adinkra Odenkyem Mmemu

Símbolo da unidade na diversidade, da democracia e da unidade de propósitos

Figura 7 – Ícone, que representa o Clube Floresta Negra/Quilombo do Areal
Ilustração de Gabriel Muniz (2020)



Figura 8 – Ícone do Clube Nós, os Democratas/Quilombo da Família Fidélis
Ilustração de Gabriel Muniz (2020)



Adinkra Sankofa

Galinha d'angola: símbolo representado por um pássaro, tendo a cabeça voltada para trás e carregando, no seu bico um ovo, o futuro.

Figura 9 – Ícone, que representa o antigo galinheiro do Quilombo da Família Flores
Ilustração de Gabriel Muniz (2020)



Figura 10 – Ícone, que representa o antigo estábulo do Quilombo da Família Flores. Adaptação aos outros animais, construída a partir do estilo visual do símbolo adinkra da galinha.
Ilustração de Gabriel Muniz (2020)



Adinkra Nsoromma

Símbolo, que representa uma estrela e que significa “filhos do céu”

Figura 11 – Ícone, que simboliza tutela e amparo divinos. Representa o símbolo do Quilombo Lemos, devido à forte presença de crianças nesta comunidade.
Ilustração de Gabriel Muniz (2020)



Adaptação aos outros animais, construída a partir do estilo visual do símbolo adinkra da galinha.

Figura 12 – Ícone, que representa o antigo chiqueiro do Quilombo da Família Lemos
Ilustração de Gabriel Muniz (2020)

de nosso país nos processos de reconhecimento das terras quilombolas e de sua regularização fundiária.

AOS QUE HABITAM A CIDADE, OUTRAS NARRATIVAS

A leitura da cidade, em suas espacialidades, articula, como apresentado, outros modos de ver/interpretar em suas diversas, diferentes e desiguais formas de se (re)produzir. Tal engendra outras possibilidades de investigação social e de representações. Da maneira como fomos compreendendo o espaço e as suas formas, os capítulos que apresentam cada comunidade quilombola se referem



Figura 13 – Ananse Ntontan.
Ilustração de Gabriel Muniz (2020)



Figura 15 – Sistema de Orientação e Localização dos Mapas.
Ilustração de Gabriel Muniz (2020)



a um trabalho construído coletivamente, com as lideranças comunitárias, com os movimentos sociais, com as parcerias e com colaboradores/as. Trabalhamos junt@s, para entender a complexidade urbana multifacetada dos territórios quilombolas, em que cada um(a), através de sua participação, de suas inserções e de redes escalares diversas, permitiu cruzamentos/encontros entre diferentes grupos, criou sobreposições e possibilitou modos de representações.

Diante das invisibilizações histórica e geográfica da presença quilombola na cidade e no país, reforçamos a importância do lugar de escuta e do quanto fomos instigados a grafar a terra pelas memórias dos povos quilombolas, pelas suas histórias, pelos seus conflitos, pelas suas lutas, pelas suas conquistas e pelas suas dores. A partir de nossas escolhas teóricas e metodológicas, buscamos romper com um silêncio imenso, que ainda persiste nos conhecimentos acadêmico e universal. Por isso, o Atlas representa mais do que um conjunto de mapas. Representa as narrativas das fortalezas, criadas pelos quilombolas, para resistir na cidade.

Nesse sentido, cada capítulo, destinado a cada comunidade quilombola, também sugere uma discussão sobre como estes territórios podem educar a cidade, ensejando a possibilidade de compreendê-la pela descolonização dos saberes, pelas atividades propostas e pelos vínculos com o lugar, com a ancestralidade e com as práticas culturais. A maior parte delas se constitui em rodas de conversas e em contação de histórias, referenciando os saberes tradicionais.

A semente, que abre e que germina as geografias quilombolas da cidade de Porto Alegre, inicia pelo Quilombo da Família Silva e, na sequência, pela data de certificação da Fundação Cultural Palmares, apresentamos o Quilombo do Areal, o Quilombo dos Alpes, o Quilombo da Família Fidélix, o Quilombo da Família Machado, o Quilombo da Família Flores, o Quilombo da Família Lemos, o Quilombo da MOCAMBO e o Quilombo da Família Ouro Ylê de Oxum e Ossanha. Os conteúdos dos mapas reverberam as distorções historicamente enfrentadas pelo controle da cartografia oficial, associada ao direito privado da propriedade, invisibilizando, de maneira atroz, a territorialidade quilombola em nossas cidades e em nosso país, por isso, o silêncio dos mapas precisa ser rompido. No mesmo direcionamento, os saberes “técnico e acadêmico” devem romper com o controle das informações e dos conhecimentos, retidos no âmbito do seu espaço.

O olhar que será apresentado nos capítulos de cada comunidade quilombola reflete o trabalho coletivo que este grupo possui, para com estes territórios, em diálogo, também, com movimentos sociais de Porto Alegre e do Rio Grande do Sul. Este olhar reivindica uma discussão importante a ser considerada nos processos



de reconhecimento técnico, por parte de instituições, que, historicamente, atuam com a regularização fundiária dos territórios quilombolas do país: a participação coletiva na construção dos processos de mapeamento, para compreender que a complexidade dos territórios quilombolas não se constitui exclusivamente por uma visão histórica e/ou antropológica, mas, sobretudo, que sua historicidade e que seus modos de vida se constituem, também, a partir de uma relação de confluência com o espaço geográfico.

REFERÊNCIAS

MAGALHÃES, Paulo. Saberes da Kalunga – pensando o mundo contemporâneo a partir da epistemologia bakongo. **Edgardigital UFBA**, 2018. Disponível em: <http://www.edgardigital.ufba.br>. Acesso em: mar. 2021.

MASSEY, D. **Pelo Espaço: uma nova política da espacialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

PIRES, Cláudia Luísa Zeferino; RATHMANN, Marília Guimarães; FREITAS, Clarice Moraes; SILVA, Luana de Lima e. O sagrado e o território: da ancestralidade à atualidade no Quilombo dos Alpes-Porto Alegre-RS. *In*: PIRES, Cláudia Luísa Zeferino; HEIDRICH, Álvaro Luiz; COSTA, Benhur Pinós da. (org.). **Plurilocalidades dos sujeitos: representações e ações no território**. Porto Alegre: Compasso Lugar-Cultura, 2016.